



CAXAMBU E TICUMBI: TRADIÇÕES CULTURAIS QUE LEGITIMAM OUTROS LUGARES À ARTE¹

CAXAMBU AND TICUMBI: CULTURAL TRADITIONS THAT LEGITIMIZE OTHER PLACES TO ART

Rosemery Casoli²

Resumo

Este ensaio aborda questões inerentes ao mundo da arte voltado à duas práticas artísticas tradicionais populares, o Caxambu e o Ticumbi, cuja perpetuação, se dá principalmente, a partir da oralidade. Busca-se explicitar a importância da manutenção das tradições culturais, com ênfase nas culturas afro-brasileiras, a partir das conferências de Aissa Afonso Guimarães (*O lugar do patrimônio cultural e a arte*) e de Osvaldo Martins de Oliveira (*Fazer artístico sobre culturas quilombolas: análise de símbolos de identidade em obras do artista plástico Thiago Balbino*), e suas reflexões sobre a temática proposta dentro da diversidade de lugares possíveis para a arte.

Abstract

This essay addresses issues inherent to the world of art focused on two popular traditional artistic practices, Caxambu and Ticumbi, whose perpetuation is mainly from orality. It seeks to explain the importance of maintaining cultural traditions, with emphasis on Afro-Brazilian cultures, from the conferences of Aissa Afonso Guimarães (The place of cultural heritage and art) and Osvaldo Martins de Oliveira (artistic activities on quilombola cultures: analysis of identity symbols in works by artist Thiago Balbino), and his reflections on the theme proposed within the diversity of possible places for art.

É importante ressaltar que, o evento foi organizado por alunos do Programa de Pós Graduação em Artes – PPGA/UFES, cujos pensamentos sobre o tema possuem definições similares, uma vez que, estão envolvidos com assuntos pertinentes dentro do mundo da arte. Porém, é importante ressaltar também, que foi o compartilhamento de saberes de vários profissionais de áreas distintas da educação universitária e também de detentores dos saberes culturais tradicionais, que, ao explicitarem as suas visões sobre a questão proposta

¹ Versão em formato de ensaio da relatoria das conferências “O lugar do patrimônio cultural e a arte”, proferida pela Profª. Drª. Aissa Afonso Guimarães, e “Fazer artístico sobre culturas quilombolas: análise de símbolos de identidade em obras do artista plástico Thiago Balbino”, proferida pelo Profº. Drº. Osvaldo Martins de Oliveira, durante o VII COLARTES 2019: Há um lugar para a arte?, realizado na Cidade de Vitória, Estado do Espírito Santo, de 20 a 22 de agosto de 2019, nas dependências do Centro de Artes, Cemuni IV, da Universidade Federal do Espírito Santo.

² Rosemery Casoli é graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes na Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. Pesquisadora do Laboratório de Pesquisas sobre Violência contra a Mulher - LAPVIM. Pesquisadora do FORDAN: Cultura no Enfrentamento às Violências. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias da UFES – NEI/UFES. Professora voluntária do FORDAN. Artista, coreógrafa e performer em dança. Contato: rosemerycasoli@gmail.com.



no tema do evento, me levaram ao entendimento de que não cabe somente aos alunos, professores e amantes da arte designarem um lugar para a mesma, pois, as linguagens artísticas que a compõem, como a dança, a música, o teatro e as artes visuais, expressam saberes apreendidos de maneiras diversas, e dialogam com os sujeitos e os espaços, também de maneiras diversas.

Partindo da palestra proferida pelos professores, cujo assunto explicitado pela Dra. Aissa foi voltado ao Caxambu da família Rosa³, e o do Dr. Osvaldo voltado ao Ticumbi do norte do Espírito Santo, faço um levantamento dos pontos que mais prenderam a minha atenção, pois, mesmo estando como debatedora na palestra, o meu lado pesquisadora também estava presente, o que me causou algumas inquietações e me levou a buscar por mais informações sobre conceitos que definissem mais claramente essas duas expressões artísticas nominadas como Caxambu e Ticumbi.

Dentro dessa minha proposta, que foi a de melhor entender a definição desses termos por um viés acadêmico, fiz uma leitura de alguns autores, que me auxiliaram na abertura de um leque de aprendizagem referente a culturas tradicionais e suas oralidades. Embasada nessa leitura, apresento neste ensaio, a oralidade como forma testemunhal e essencial para a transmissão de saberes dentro das sociedades, pois, segundo Vansina:

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra (VANSINA Apude DIAS, 2014, p. 336 - 337).

Tanto o Caxambu quanto o Ticumbi são representatividades culturais repassadas de geração em geração de forma oral, que legitimam dentro da cultura brasileira, mecanismos de perpetuação de tradições baseadas em culturas do povo afro-brasileiro e do povo africano.

³ A família Rosa descende da escravizada Aniceta, cujo "proprietário" era o "senhor" Manoel Candido Rodrigues dos Santos, dono da fazenda Santa Rosa, que antes de morrer testamentou Aniceta e duas filhas que ela teve com ele, como suas herdeiras. Porém, para não serem assassinadas pelo capataz da fazenda que não as reconhecia como herdeiras, a escravizada, suas filhas e demais aparentados tiveram que fugir para Muqui no sul do ES, local onde está situado hoje o quilombo da família Rosa. Para mais, ver: GUIMARÃES, Aissa, A. QUILOMBO É CASA DE MÃE: A valorização da herança cultural do Caxambu pela família Rosa. (Muqui/ES). In Direitos quilombolas & dever de estado em 25 anos de Constituição Federal de 1988. (Org. Osvaldo M. de Oliveira). Rio de Janeiro: ABA, 2016.



O Caxambu designa-se como uma expressão cultural, composta por cantorias, poesias e rimas, acompanhadas de dança tendo como principal instrumento musical, o tambor. Está voltada ao sincretismo religioso e a perpetuação da fé aos santos de devoção venerados em cada grupo de Caxambu. Sua predominância cultural está mais concentrada na região sudeste, sendo conhecido em algumas localidades como Jongo ou Jango. O Ticumbi é uma prática cultural ritualística contextualizada na história de dois povos africanos, e conta de forma teatral a guerra entre dois reis.

Essa prática cultural tem uma predominância mais forte no norte do Espírito Santo. Para conceituar a importância da perpetuação dessas tradições orais provenientes de cultura africana, dialoguei também com Hampaté Bã, pois, o autor diz que:

A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos.[...] Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à unidade primordial. [...] (e) se liga ao comportamento cotidiano do homem e da comunidade; a “cultura” africana, não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida. (HAMPATÉ BÂ apud DIAS, 2014, p.337).

Tais culturas tradicionais precisam continuar existindo, não somente porque são tombadas como patrimônio imaterial pelo IPHAN, mas principalmente porque são as histórias de vida de grupos que utilizam essa oralidade como fortalecimento e resistência.

A NEGA: ESCULTURA ARTÍSTICA OU IMAGEM DE AFETO E PROTEÇÃO?



Figura 1 (esquerda) - A Nega. Muqui (ES), 2012. Foto: Aissa Guimarães. Figura 2 (direita) - A Nega, os santos e os tambores. São Mateus (ES), 2012. Foto: Rita Lyrio.



A Nega foi apresentada na palestra pela Dra. Aissa como um objeto pertencente da família Rosa, que em alguns momentos do ano, é usado pela família como integrante da prática do Caxambu. A descrição dada foi a de uma figura representativa do feminino, esculpida num único tronco de madeira e que foi trazida da África para o Brasil por uma antepassada da família que aqui foi escravizada.

Construí mentalmente, uma hipótese de sobrevivência para as duas, tanto para a mulher escravizada quanto para a mulher inanimada. Essa hipótese fala de estratégia de sobrevivência durante a travessia dos mares e da vida, talvez, a mulher que guardava a Nega a tenha usado como objeto de devoção e também objeto de afeto, pois, talvez, essa fosse umas das formas encontradas de se manter ligada à vida e às suas raízes. Contudo, também se faz necessário enxergar o objeto como obra de arte, uma vez que a sua presença como escultura o coloca nesse lugar.

Para os integrantes da família Rosa, a Nega é uma “guardiã das tradições culturais da família” (AISSA, 2018) e colocá-la como participante “ativa” em ocasiões voltadas para o Caxambu, me levaram ao entendimento de que um dos lugares da arte é onde as transformações se tornam concretas, ou melhor, onde arte e vida se fundem e transformam sujeitos em coletivos, coletivos em povos e povos em sujeitos renovados.

TICUMBI: ARTE, CULTURA OU BRINCADEIRA DE FAZER ARTE?

Segundo a fala do professor Osvaldo, o Ticumbi é uma expressão de arte cultural e também uma celebração festiva afro-brasileira específica do Espírito Santo. Configura-se por uma dança que acontece, principalmente no norte do estado há mais de 200 anos, também pode ser conhecida como Baile dos Congos para São Benedito. Para melhor conceituar o Ticumbi, utilizo uma citação do próprio professor, na qual ele diz que:

O baile (ou Ticumbi) é uma sequência de discursos poéticos, danças e canções acompanhadas ao som de pandeiros e viola. Ele é composto por dezoito personagens, dois reis, dois secretários, doze congos tocadores de pandeiros, um violeiro e um porta-bandeira. Todos se vestem de branco e portam capacetes enfeitados com fitas e flores coloridas na cabeça. O mestre é um dos integrantes do baile - que pode ser um dos congos ou o violeiro - responsável pela gestão da festa, que vai da criação dos versos, composição das canções e da realização dos ensaios aos dias propriamente da festa. Seu papel é reafirmar sempre a devoção e o



compromisso religioso dos congos com São Benedito (OLIVEIRA, 2009, p. 41).

A perpetuação da oralidade é centrada na disputa entre dois reis, cujo “prêmio” é o direito de louvar São Benedito, o embate só termina quando o rei de Congo vence o rei de Bamba. Contudo, a partir de outras falas do professor Osvaldo e das minhas leituras posteriores sobre o Ticumbi ou Baile dos Congos, percebi a arte utilizada também, como força militante no enfrentamento de questões que prejudicam a sobrevivência de famílias detentoras desse saber cultural tradicional.

Os grupos de Ticumbi, dialogam com o mundo da arte através de danças e rimas poéticas, porém, nessa brincadeira de fazer arte, demarcam os seus lugares de fala e defendem sua autonomia e seus ideais de liberdade, denunciando assim, através dessa arte brincante, as injustiças cometidas contra as suas comunidades.



Figura 3 - Integrantes do Ticumbi (Baile dos Congos) de São Benedito. Conceição da Barra (ES). Foto: Alex Rodrigues Gouvêa.

Portanto, além de exaltarem a dimensão da tradição e da historicidade oral dos seus antepassados, também exaltam a perpetuação do fortalecimento dos sujeitos. Dentro do contexto artístico contemporâneo, pode-se expressar arte de várias maneiras. São tantas



maneiras, que às vezes, como expectadores, nos perdemos do sentido real da expressividade e não enxergamos nada além do superficial.

Podemos incorrer a erros de interpretação ao assistirmos apresentações artísticas voltadas à perpetuação das tradições culturais, uma vez que a nossa percepção está voltada à nossa subjetividade, com isso, se não tivermos um conhecimento mínimo do que está sendo apresentado, a tal arte vista somente como brincadeira será companheira fiel da nossa percepção neste contexto artístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das frases que mais me impactaram na palestra, foi proferida pela professora Aissa: “A perpetuação das culturas tradicionais, é também, perpetuação de vida”. A partir dessa frase, comecei a enxergar nas manifestações culturais tradicionais do Caxambu e do Ticumbi, mensagens que se encontravam camufladas nas cores dos figurinos, nas falas verbalizadas e nas coreografias apresentadas. A partir de então, percebi as várias concentrações de narrativas de vidas passadas e vidas atuais expressadas através das linguagens verbais e não verbais, assim, respondendo à questão proposta pelo tema do evento, digo que não há um lugar para a arte, mas infinitos lugares, uns ao alcance do nosso corpo, outros ao alcance da nossa mente.

Referências

DIAS, Paulo. O lugar da fala: conversas entre o ondjango angolano e o jongo brasileiro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 59, p. 329-368, dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i59p329-368>.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins. **Relatório inventário das referências culturais das comunidades quilombolas do Sapê do Norte**. IFHAN/ELIMU. Vitória. 2009.